

*Línguas de fogo*¹

João de Mancelos

Alguns poemas do livro

terra incógnita

há uma terra a leste do coração,
meu amor,
para lá dos mundos naufragados,
à esquerda da esperança.
um lugar onde o veneno da beladona
é bebido em cálices noturnos,
e onde as adolescentes se deitam
com os primeiros lobos da manhã.
não tem nome, nem mapa, nem rota,
é uma terra de vento e luz,
onde deus está por inventar,
e o demo não desembarcou ainda
com suas filhas de prata.
é uma pulsante ilha no meu peito,
escuta-a, amor,
a terra onde poisarás a fronte,
e onde uma noite apenas
dura todo o sempre.

o mais frágil endereço para o vento

minha noiva incerta,
oceano decomposto em chuva
e sal e ferida,
onde os amantes trocam a noite
pelo vinho aceso da candura,

¹ Mancelos, João de. *Línguas de fogo*. Coimbra: Minerva-Coimbra, 2001.

e o sorriso e a dor
partilham do único alfabeto.
minha noiva incerta,
quem conta as estrelas submersas,
o fogo de santelmo,
quando partes de margens vazias?
quem sabe que foste esposa e filha
de ulisses,
e o escutas ainda no peito
de cada pretendente?
quem conhece o seu coração,
rumorejando ao encontro
dessas ilhas onde um beijo
é o mais frágil endereço
para o vento?

à janela das ondas sem regresso

haverá um périplo para os amantes,
uma escala em estrelas antigas?
pergunto e penso em viagens pelas mãos
(noturnas mãos, insones mãos),
que ancoraram os teus pulsos à memória.
quantas mulheres foram, neste leito,
transatlânticos de prata,
longe, mais longe,
no éter das cidades anoitecidas?
e quantas mais teriam voltado
à grávida respiração dos oceanos
(os fluxos e refluxos do teu peito)?
pergunto e medito e naufrago,
ulisses de ítaca magoado
à janela das ondas sem regresso.

o corpo doído ou doido

apenas isto: um parágrafo ainda
antes das águas se apagarem.
é tudo quanto peço,
a mão cheia de vespas,
o corpo doído ou doido.
um parágrafo que engane a noite,
uma ilha, um trópico onde arder,
a latitude do teu ventre,
para onde todo o corpo flui.
apenas isto – um parágrafo mais,
e contigo irei, ítica minha,
navegando uma estrela noite dentro.

os faunos

os faunos regressam
com o olhar dos cães prestes a amar.
nativos do primeiro astro,
sobem discretamente as escadas
das pensões e dos bares,
da carne e da corola.
sobre a cama, uma natureza viva:
penélope de ulisses,
e os breves indícios da paixão:
saliva, perfume,
certas palavras desabrigadas,
um corpo feito fruto,
as feras da terra e do mar.
horas depois, os faunos descem ao cais
entre latidos e beijos bêbedos.
trôpegos amantes de regresso
ao amor que nunca tiveram.

apressadamente

hoje tenho pressa de ti,
dos dias urgentes sem horas nem dias,
e da ternura aflita
com que a vida rumoreja num poema.
pressa de fechar a noite na tua mão,
dedo a dedo, e num repente,
fazer nascer o dia dentro de ti.
pressa do rastilho dos teus olhos
que têm todos os pecados
do mundo à espera,
e dos cães que ladram aos astros,
e dos amantes que te rondam,
impacientes, mortos por visitar
o cais de onde o meu regresso já partiu,
tão cheio de pressa e de ti.

camões (latitudo 22º)

sempre a morte e o amor:
deste-lhe de comer à boca
em ceuta, macau e no cabo,
no desterrado zodíaco da canela.
por quantas rotas de nudez
enseadas de corpos ansiados,
procuraste dinamene feita tágide,
a epiderme noturna do amor?
e quantas vezes os autos da fortuna
te foram náufragos,
e quantas vezes a mulher foi
um jau por amante e companhia?
camões de sebastião pessoa,
filho da pátria que te partiu.

alguns outros, pensando em al berto

alguns lambem as feridas,
outros amam a céu aberto.
alguns vão, de braço dado com o vento,
outros vivem nos quartos alugados
da esperança.
alguns adormecem, em línguas de fogo,
outros dançam à noite com estranhas.
alguns escrevem para lembrar ítica,
outros esqueceram o mapa de si.
alguns ficam. os melhores partem.
batendo em corações de lata,
e bebendo a noite em cada beijo.

há demasiada beleza em ti

há demasiada beleza em ti,
quando caminhamos na chuva
que gela as fraturas da alma.
conheci-te, ainda tu reparavas
as asas de anjos tresmalhados
sob as bandeiras brancas
de uma adolescência a sangrar,
e desenhavas corações de giz
nos muros da escola.
toda a beleza desses dias adormece
ainda em mim, a sua corola intacta,
neste outono de pássaros mortos.
e é por essa beleza que hei de ir
ao encontro do vento e de ti.
para te devolver a inocência
da labareda, o perfume azul do lilás,
— e o olhar de todas as meninas
que belamente violei em vez de ti.

fragmento branco para eugénio de andrade

já não há marés de vento
para as minhas incertezas.
e se a morte vier, que será senão
um guarda-sol fechado no silêncio?
algumas vozes coaguladas na memória,
um ou outro fragmento branco de nudez:
tenho o que sobra do restar.
apaguem-se, portanto, os versos,
que as palavras já sabem o caminho,
e a sombra pode ir sem mim.

e a nudez se faz mais pura

deixarei as luzes acesas
para que saibas o caminho
de regresso ao meu corpo.
não, não tragas a alma,
animal sempre volátil,
perfume fútil.
sacrifica antes uma onda
antes da noite,
um milagre para migrar
com outras aves daninhas,
vem, dá-me o fruto e a semente,
aquele lugar no corpo
onde a fonte cresce ao ar
e a nudez se faz mais pura.

com lao tsé no poente

os juncos incendiados do poente
navegam o sonho
onde o teu nome pernoita.